

BALESTRERI, Silvia. **Andarilhanças e estrangeiridades em uma quase Itália de Carmelo Bene**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, DAD e PPGAC do Instituto de Artes da UFRGS. Professor Associado.

*Dopo le 5:00 c'è il buio.*¹
(Chefe da estação de trem de Ugento, Itália)

RESUMO: Este é um dos três trabalhos apresentados na mesa temática Andarilhanças e Estrangeiridades em Pesquisas em Artes Cênicas e trata de *insights* de pesquisa e sobre o pesquisar advindos durante pesquisa de campo na Itália, em busca de sinais do artista Carmelo Bene, falecido em 2002. A mesa se propôs a acompanhar diferentes andanças de pesquisa, as sensações vivenciadas e suas ressonâncias nos trabalhos de investigação e estudos realizados. Naquele momento, foi dada especial atenção às experiências em países estrangeiros e às singularizações a partir daí produzidas no corpo de quem pesquisa e nos textos que esses corpos escrevem. Andarilhança e estrangeiridade são termos inventados como provocação para nomear diferentes modos de fazer-sentir em um certo modo de realizar pesquisas de campo. Minhas incursões à Itália têm sido feitas anualmente, em curtos intervalos de tempo, desde 2014. O “quase” do título se refere à imprecisão de uma ideia de nação para situar a procedência e as influências do território na vida-e-obra de um artista.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa: Caminho: Cartografia: Carmelo Bene: Itália

ABSTRACT: This is one of the three papers presented on the thematic round table Andarilhanças e Estrangeiridades em Pesquisas em Artes Cênicas, invented portuguese words for Pilgrimage/Walking and Foreignness in Performing Arts Researches. This text addresses insights during field research in Italy, in search of signs of the artist Carmelo Bene (1937 – 2002) in the places where he lived and worked. My inroads into Italy have been made almost annually in short times since 2014. The title in Portuguese mentions an “almost” Italy of Carmelo Bene stressing that the idea of “nation” is imprecise to refer to the influences of the territory on Bene’s work and life.

KEY WORDS: Research: Path: Cartography: Carmelo Bene: Italy

Há alguns anos, participei de um Congresso de Arte Educadores (CONFAEB) em São Luís do Maranhão, cidade à qual eu nunca tinha ido, mas que conhecia através da narrativa de pessoas maranhenses queridas que moravam no Rio de Janeiro, onde vivi por muitos anos. Tendo chegado um dia antes, decidi conhecer Alcântara, pequena cidade na região metropolitana, onde passei algumas horas, caminhando e conversando com as pessoas: a travessia

de barca, as ruínas de igrejas, o vendedor e compradores de açaí, as sementes de açaí, a polpa extraída e vendida para comer com camarão, o responsável pela igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que herdou o ofício de sua mãe, suas histórias, os tambores, o pau-de-arara que quase peguei, que ia bem pra dentro da região, onde há muitos quilombos, a volta de catamarã, a vertigem no mar muito agitado...

No dia seguinte, no café da manhã da pousada em que me hospedei, encontrei pessoas conhecidas que também tinham ido para o congresso e contei uma parte do colorido de meu passeio de véspera. Uma delas me perguntou: “- Quantos dia você passou lá?” Eu respondi: “Algumas horas.”

Inicio com esta pequena história, porque, embora não diga respeito a minha pesquisa diretamente, fala de um modo caminhante de andar no mundo – a redundância é proposital, como mostrarei mais adiante.

Após alguns anos lendo e convivendo com a obra de Carmelo Bene através de livros e vídeos, vi que era hora de ir à Puglia² encontrar rastros de Bene na Itália. No dia 26 de outubro de 2014, dia de meus 50 anos e da eleição da presidenta Dilma pela segunda vez, peguei um voo e fui.

Caminhar, caminhar, ouvir. Olhar, ler, tomar sustos. Em Paris, peguei conselhos³ e um voo barato diretamente para o sul da Itália, que tinha algo das longas viagens que fiz de ônibus entre o Rio de Janeiro e o Nordeste quando jovem: uma vitalidade nos ruídos e nas conversas, nas vozes altas e nos pedidos de informação, um aeroporto sem o *glamour* reservado aos turistas, uma rodoviária Novo Rio⁴ nos arredores de Paris. Sem lugar marcado no voo, para pagar menos. Chego à Estação de trens de Bari, capital da Puglia. Estou no sul da bota, mas ainda não é o Salento; me desvio dos turistas, uma italiana me ajuda a responder um e-mail.

Minhas anotações desse momento:

Já no avião, um clima diferente dos passageiros, pessoas simples que olham e se dirigem pra gente. No aeroporto de Bari, uma moça me ajudou a escrever pra

Luisa Viglietti⁵. Antes, um senhor me explicou atenciosamente, simpaticamente, como chegar na Bari Centrale (Stazione). O motorista do micro-ônibus, também gentil e atencioso, pegou minha mala e colocou ele mesmo no bagageiro. Dentro do ônibus, uma freira vestida a caráter fala incessantemente ao telefone. Acolhida como no Nordeste. Fellini está aqui [freira]. Ainda não tenho hotel pra hoje. Ainda no avião (ou antes), decidi que quero ir diretamente pra Lecce; não quero conhecer a bela capital da Puglia (Bari), quero ir diretamente pro Sul e pros pequenos vilarejos: o Sertão me espera.

Giacchè me perguntou o que me fazia estar há dez anos às voltas com Carmelo Bene e atravessar o Atlântico... (para entrar em contato/conhecê-lo). Eu disse que CB nos émène ailleurs, nos leva para outra(s) parte(s)/outros lugares/alhures. E fiz o gesto de “éclater”, espalhar-se para todos os lados (como fogo de artifício).

Sigo um conselho de meu santo padroeiro⁶ e tento captar assombros de Carmelo pelos caminhos, nas pedras, nos silêncios e no vento. Algo de belo e intenso me aparece. Dois ou três túmulos sem corpo⁷. A impressão é de que Carmelo Bene faz parte do tecido social da Itália, algo ali reverberou e me chegava por exclamações, muxoxos, lembranças e outras reações sempre que contava que estava pesquisando sua obra. Gosto particularmente de ver a reação de italianos a cada vez que menciono estar pesquisando a obra de Carmelo Bene: em 2004, uma italiana me disse por e-mail que “não se pode ser italiano e não saber quem é Carmelo Bene”; um professor italiano, em um congresso em arte e filosofia, na Bélgica, em 2015, me desejou “*Auguri!*”, como quem dizia, ironicamente, “Boa sorte pra você!”, uma jovem, em 2015, conhecia o nome do grande artista apenas porque morava na rua Carmelo Bene, em Roma. Fui, assim, colhendo impressões que vão desde uma grande admiração, passam por implicâncias ou desconfiança em relação a Bene, até, mais recentemente, haver um desconhecimento quase completo dele e de sua obra entre alguns italianos que conheci.

Naquele momento, em 2014, algo me dizia que, não tendo sido exposta às vibrações de suas obras de cena, meu corpo poderia se expor a andanças em busca de um não sei o quê, e que essa exposição botaria algo para funcionar.

Eu tinha lido no próprio Proust (1956-1958) e naquilo que Deleuze escreveu a partir de Proust (Deleuze, 1987), sobre “alminhas” entranhadas que, de repente, podem despertar em sensações; assombrações que reaparecem, vivem por um momento. Como um fantasma, eu deixaria Carmelo Bene se aproximar de mim, “porque o fantasma não se prende”, me tinha dito o professor Giacchè em nosso encontro em Paris. E que eu percebesse e anotasse o que aqueles lugares despertariam em mim, o que havia de meu naquilo ali – nos lugares de Bene que eu exploraria. “Não deixe de ir a uma festa de padroeiro”, me disse ele também. “Elas são abundantes no Salento”.

Escrevi assim em meu diário:

No dia seguinte a esse encontro com Manganaro, ainda em Paris, encontrei-me pela segunda vez com o professor Giacchè, dessa vez nos encontramos no Café Divan (...). Me perguntou por que alguém – eu – atravessa o oceano pra conhecer algo tão italiano. Ele me disse que os franceses consideram Carmelo Bene muito francês, com o que ele não concorda e considera Bene tipicamente italiano. Além de contatos bastante objetivos, me fornece as seguintes dicas: em Lecce, atenção aos prédios históricos feitos de pietra leccese, uma pedra amarelada, farinhenta, que se desgasta com o tempo, dando às edificações um aspecto mutante; ir a uma festa de santo padroeiro em algum vilarejo (piccolo paese) no Salento; anotar o que for sentindo, não procurar um Bene objetivo, mas ver em que o que for encontrando ressoa em mim, anotar minhas sensações e impressões; e, especialmente, nessa jornada, deixar Carmelo Bene se aproximar como um fantasma, deixar que ele me assombre. Sugeriu que eu perguntasse a Luisa Viglietti locais em Roma relacionados a Bene, algumas esculturas de Bernini, como “L’Estasi di Beata Ludovica”.

Nessa mesma viagem de 2014, cheguei em Lecce, terra de Carmelo, em busca de onde presenciar uma festa de santo padroeiro. Como era fim de outubro, um folheto turístico indicava apenas uma: o encerramento da festa della Madonna di Pompei. Peguei um trem para o pequeno povoado. Ele parou no meio do caminho e fiz baldeação para outro trem, bem menor e mais lento. Na estação Ugento-Taurisano, depois de longo périplo, entendi por que me tinham aconselhado a ir àquela cidade de ônibus: a estação ficava a 2 quilômetros de

Ugento – *un paese*, como dizem na Itália – e não havia mais transporte para a cidade naquele dia.

Importante salientar: antes que me acusem de Lei Rouanet⁸, que eu estava em férias naquele momento e utilizei o tempo de férias para essa aproximação exploratória às terras de Bene.

Havia um viaduto sobre os trilhos: de um lado, se ia para Ugento, do outro, para Taurisano. Apenas outras duas pessoas desceram comigo naquela estação, pegaram seus carros estacionados ali e foram para Taurisano. Não havia ônibus para Ugento naquele horário. Eram mais de duas da tarde. Conversei com o chefe de estação sobre ir a pé até a cidade e voltar a tempo de pegar o último trem para Lecce, que passaria às 19h. “*Alle 5 c’è il buio.*”, ele me disse. Às 5h da tarde, já estaria tudo escuro. Andei muito rapidamente pela estrada até Ugento, sempre olhando para o sol que em pouco tempo começaria se pôr. Ali entendi na pele duas coisas: o que é *un paese*, vilarejo, pequena cidade muito distante dos principais centros urbanos, embora com boa infraestrutura, se comparado a algumas cidadezinhas brasileiras, e o que é *buio*. Eu não pretendia voltar na escuridão, já que o caminho seria pela estrada, no acostamento.

Quando cheguei em Ugento, perguntei, para algumas pessoas que estavam na frente de uma casa, onde era a igreja, a Chiesa della Madonna. Não acabei de falar, um homem me perguntou, espantado: “*Quale Madonna? Ci sono tante!*” Há várias Nossa Senhoras, aprendi também – eu deveria especificar a qual delas eu me referia. Como me disse o professor Giacchè, o sul da Itália vive um politeísmo católico, porque os santos, que são numerosos, têm mais importância que Deus, para a população em geral. Não havia mais nenhuma festa *patronale* propriamente naquele momento, “apenas” uma missa encerrando a semana dedicada à Nossa Senhora do Rosário di Pompei. Após ir até a igreja, retomo rapidamente a direção da estrada, porque logo, logo cairia a noite - *il buio*. Alguém me ofereceu uma carona, como nos velhos tempos de minhas viagens pelo Nordeste do Brasil, um tipo de carona quebra-galho.

Cheguei faltando mais de hora para o último trem passar, fiquei gravando, com um *tablet* um pouco do silêncio e *il buio*.

Foi assim, caminhando pelas pequenas cidades e estradas, que me ocorreu a ideia de um pesquisador peregrino, talvez um romeiro.

Há vários escritos sobre viajar e caminhar, diferentes tipos de caminhada ou de viagens. Um jornalista, poeta e caminhante italiano, Luigi Nacci, que pratica e escreve sobre caminhar, trouxe ao uso uma palavra em italiano para o que ele faz: *viandanza*, que poderia ser traduzida por “caminhança”, viagem ou andança. Vale a pena traduzir e transcrever aqui sua explicação para o termo, que faz referência a uma grande artista da dança:

A palavra *viandanza* é bela, tão bela que foi esquecida. Te faz imaginar uma criatura que se move em um espaço dançando. Te faz imaginar que seja o caminho a dançar, como se estivesse feliz de receber quem o atravessa. (...) pode-se fazer excursões no limiar? No limiar pode-se apenas dançar. Como Isadora Duncan, te despojas de todo ornamento. (Nacci, 2014, p. 134. Tradução nossa.)

Ele inclui na *viandanza* todos os tipos de gentes encontráveis pelas estradas a caminhar, desde peregrinos, mendigos, *flaneurs*, mochileiros etc:

(...) todos aqueles que habitam a viagem [*viandanza*], naquela estranha e pouco visível casa móvel, ou que a ela se dirigem. Não é um apanhado sobre o caminhar, mas sobre o caminho. O caminho se pode fazer com qualquer meio, até parado. É uma condição, um modo de estar no mundo e, ao mesmo tempo, um modo de projetar-se adiante. (...) aquela casa móvel tem as portas e as janelas sempre abertas⁹. (Nacci, s.d, s.p. Tradução nossa)

Nacci diz que um dia caminhando pode equivaler a uma semana, um mês, um ano da nossa vida no escritório ou em casa e que caminhar produz certos efeitos em nós, porque

O caminho é a explosão de sentimentos, das sensações, das perguntas sem resposta, dos estímulos, das paixões, dos desejos inalcançáveis, dos ímpetos. Um dia caminhando corresponde a uma semana, um mês, um ano da nossa vida no escritório ou em casa¹⁰ (Nacci, s.d, s.p. tradução nossa)

Parece ter sido um pouco isso que aconteceu na pequena história pessoal que contei no início do texto sobre uma rápida visita a Alcântara, no Maranhão.

Transpondo essa imersão imediata num certo universo, em uma realidade nova para nós, para a situação do pesquisador-movente – ou do pesquisador-em-trânsito -, as elaborações sobre a cartografia como “método” de pesquisa constituem provocações interessantes para pesquisadores em arte. Por exemplo, as formulações de Virginica Kastrup sobre O Funcionamento da Atenção no Comportamento do Cartógrafo (Kastrup, 2009, pp. 31-52), se aproximadas da atenção que caminhanes como Luigi Nacci dizem atingir ao se lançarem nos caminhos, produzem interessantes concepções de pesquisa e do pesquisar. “Pesquisador, sua pesquisa se faz ao pesquisar”, podemos parafrasear o poeta.

Kastrup, partindo de Deleuze e Guattari, desenvolve, com outros autores, a proposta de um “método cartográfico” para a pesquisa, que em muitos aspectos se assemelha ao tipo de pesquisa que temos feito. Ao discorrer sobre a atenção na pesquisa, distingue uma atenção realista e seletiva e uma atenção cartográfica – “ao mesmo tempo flutuante, concentrada e aberta” (2009, p. 34):

Tomar o mundo como fornecendo informações prontas para serem apreendidas é uma política cognitiva realista; tomá-lo como uma invenção, como engendrado conjuntamente com o agente do conhecimento, é um outro tipo de política, que denominamos construtivista. Nesse sentido, realismo e construtivismo não são apenas posições epistemológicas abstratas, mas constituem atitudes investigativas diversas, reveladas, conforme veremos, em diferentes atitudes atencionais. (Kastrup, 2019, p. 34)

Essa concepção cartográfica do pesquisar se compõe, de algum modo, com as noções de caminhança ou andarilhança e nos servem especialmente para pensar a pesquisa em arte e mesmo as estrangeiridades que vivenciamos ao pesquisar. Em outro texto, a autora, ao falar da cognição como invenção de problemas, que é um conhecer do ponto de vista da arte, coloca, como uma etapa desse conhecer, o estranhamento. Este tem ressonâncias com o que chamo de experiência de estrangeiridade: “na experiência de problematização, as faculdades – sensibilidade, memória, imaginação – atuam de modo diverso” (Kastrup, 2001, p. 207). Ela usa o exemplo de um viajante:

(...) quando alguém viaja a um país estrangeiro, as atividades mais cotidianas como abrir uma torneira para lavar as mãos, tomar um café ou chegar a um destino desejado tornam-se problemáticas (...) Não se trata de mera ignorância, mas de estranhamento e tensão entre o saber anterior e a experiência presente.

Quando viajamos somos forçados a conviver com uma certa errância, a perder tempo, a explorar o meio com olhos atentos aos signos e penetrar em semióticas novas (Kastrup, 2001, p. 207)

Essa errância está na atitude cartográfica e na *viandanza* de que fala Nacci. E o que esperar de andanças em estradas da Puglia? Talvez o que outrora o antropólogo e, como tal, viajante por força do ofício, Piergiorgio Giacchè chama nossa atenção para o que dois expoentes do teatro do século XX trouxeram dessa região, dessa que foi sua terra de nascimento: “Resíduos que a cultura deixa dentro e que Eugenio e Carmelo nunca deixarão de usar como cores e odores e rumores teatrais.” (Giacchè, 2012, p. 332. Tradução nossa)

Europa, ainda estamos por ali

Em uma entrevista que Kuniichi Uno fez com Felix Guattari em março de 1984, a certa altura, Uno sugere a Guattari: “Falemos do Japão. O Japão como objeto filosófico.” (UNO, 2016, 81). A resposta de Guattari é, ao mesmo tempo, surpreendente e esclarecedora do que quero trazer aqui:

Tive um bate-boca com um pintor eminente convidado ao seminário de Coste, que me falava sempre da especificidade do Japão. Fiquei tão irritado, que gritei: “Mas eu queria perguntar se o senhor tem certeza de que o Japão existe.” Ele me olhou surpreso: “Como assim? O que é que o senhor quer dizer?” Respondi: “Isso mesmo, o que é o Japão? É a China? É a Coreia? São os Estados Unidos? Onde é que isso começa? Onde acaba?” Ele não gostou. (Guattari apud Uno, 2016, p. 81)

Após algumas observações bastante interessantes de ambos – para acesso às quais eu remeto à entrevista publicada, Guattari completa:

Bem, o Japão é justamente um objeto, um agenciamento de enunciação. É por isso que ele não existe. Não podemos qualificá-lo como enunciado, mas é um processo de enunciação que trabalha todo o planeta. (...) Hoje, o Japão é um pouco uma capital do mundo, porque é ali que os remanejamentos de enunciação estão sendo trabalhados. Ou seja, o Japão é um dos pontos de reconcatenação a partir de onde repensamos, a partir de onde reafirmamos um

certo número de relações. Mas é justamente sob esse aspecto que o Japão não pertence aos japoneses, da mesma forma que Amsterdã não pertence à Holanda, sabemos bem disso, eles pertencem a um processo maquínico planetário. (Guattari apud Uno, 2016, p. 82)

Não se trata aqui estritamente de comparar o sul da Itália em Carmelo Bene com o Japão de meados dos anos 1980, segundo Felix Guattari, mas de captar algo que está presente no Salento – parte da Puglia – de Bene, que salta na “antropologia de uma máquina atorial”, conforme a percebeu Piergiorgio Giacchè, quando Bene ainda era vivo. E naquilo que encontrei nos silêncios de minhas caminhadas pela mesma região geográfica. Além, certamente, de pensarmos os efeitos disso em minha(s) pesquisa(s).

Na comunicação que publiquei no ano passado, nos Anais da Reunião Científica da ABRACE, eu perguntava, já no título, “Em que Ainda Nos Pode Servir a Tua Europa, Carmelo Bene?” (Balestreri, 2017) Em uma parte do texto, para dizer o quanto a Itália de Carmelo Bene não era assim tão “europeia”, mencionei um fenômeno que me chamou a atenção: “afinal tempestades de areia do Saara volta e meia atingem o sul da Itália, incluindo a Puglia” (Balestreri, 2017, p. 10).

Há menos de um mês, lembrei que a letra de Reconvexo, canção de Caetano Veloso, começa com a descrição do fenômeno: “Eu sou a chuva que lança a areia do Saara sobre os automóveis de Roma”. Caetano deu a seguinte explicação pra esse início da canção:

Reconvexo compus para Bethânia gravar. Eu estava em Roma quando um dia acordei e vi os carros empoeirados, todos cobertos de areia. Perguntei: " gente, o que tem nesses carros aí? ". Uns italianos amigos meus, responderam: " isso é areia que vem do deserto do Saara, que o vento traz". Com essa imagem, comecei imediatamente a compor a música. (Veloso; Ferraz, 2003, p. 62-63)

Ele não explicita, mas a sensibilidade do poeta Caetano foi capaz de cantar um fenômeno climático para dizer, quem sabe, que a Itália, assim como o restante da Europa, não é “pura” e de que a África está logo ali.

Registros de viagens

Há certamente muitos trabalhos relacionando a pesquisa ou sua escrita com viagens, e muitos mais sobre caminhantes e o caminhar. Minha escolha momentânea diz respeito a algumas particularidades dos textos sobre caminhadas que servem aqui: os *insights* de Luigi Nacci surgem de caminhadas e convivência com importantes caminhos da Europa, tradicionalmente percorridos por peregrinos – notadamente o agora famoso caminho de Santiago de Compostela, e a importante Via Frangigena, que corta a Itália no sentido Norte-Sul. Luigi Nacci testemunha que se (re)descobriu europeu percorrendo essas vias.

Foi caminhando em uma estrada do sul da Itália, como relatei aqui, nos 2 km que ligam a estação de trem Ugento-Taurisano, na Puglia, à cidadezinha de Ugento, em busca de uma festa de padroeiro, tal como me havia sugerido o antropólogo teatral Piergiorgio Giacchè, que me ocorreu a ideia do pesquisador peregrino – ou do pesquisador “como” peregrino. O que eu me perguntava era por que o professor Giacchè me havia feito essa sugestão e qual poderia ser a novidade desse tipo de festa para uma brasileira, que, criada no catolicismo, já havia participado de procissões e outras grandiosas festas católicas de rua no Brasil.

Lembro-me especialmente de fazer, no chão “tapetes” com borra de café e flores, muito comuns em Ouro Preto, reproduzidas por alguma senhora em Resende, RJ, onde passei parte da infância. Lembro-me também da procissão de São Pedro do Mar, na Urca, bairro da cidade do Rio de Janeiro, e da grandiosa festa popular de origem católica – sincrética - de São Pedro, em Corumbá, MS, onde fui como pesquisadora de um projeto de Psicologia Comunitária, em 1987. Isso sem falar na grandiosidade de outras festas, cuja existência conheço de longa data, embora não tenha tido a felicidade de participar delas: procissão de Nossa Senhora Aparecida, a santa preta padroeira do Brasil, em Aparecida, SP; as procissões do senhor morto, em várias partes do Brasil, na sexta-feira santa; a Páscoa em Ouro Preto, MG; o imensurável Círio

de Nazaré, em Belém, PA; as festas juninas no Nordeste brasileiro, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes/Iemanjá em Porto Alegre, RS, os festejos de Ano Novo nas areias das praias brasileiras, com oferendas a Iemanjá, dentre tantas outras.

Na caminhada até Ugento, eu me perguntava também o que haveria de Carmelo Bene ali; e me dei conta de que, não podendo mais expor meu corpo a seu teatro; estava sendo importante expor-me a manifestações presentes em seus territórios, em busca de afectos que pudessem estar também em suas obras - sua vida e obra, ou sua *vidobra*, como gosto de chamar. Há um tempo de exposição à *vidobra* e aos rastros de Carmelo Bene, que é o tempo necessário para esse encontro se fazer escrita – como para o Narrador de *Em Busca do Tempo Perdido*, ou como para Henry Miller, antes de devir escritor, mas já querendo sê-lo¹¹, para citar autores caros às filosofias da diferença.

Os *insights* de Luigi Nacci têm essa especificidade de encontro com uma europa fora do tempo, com uma europa aqui propositalmente escrita com letra inicial minúscula, que me parece ser um tanto da europa que perpassa Carmelo Bene. Nacci fala do(s) caminho(s), mais que do caminhar, não é *trecking*, é percurso que também se faz parado. Ora, isso é muito próximo àquilo que Deleuze fala dos devires; ressoa muito as andanças de Felix Guattari em busca dos mundos em insurgência ou ebulição e os estados vividos por Gilles Deleuze “sem sair do lugar” em suas aulas na universidade. E mantém aproximações, a serem desenvolvidas em ocasião posterior, com as relações que Giacchè faz entre teatro e viagens (Giacchè, 2012, p. 328 e 329), pois as andanças de Bene se deram, muitas vezes, especialmente nos últimos espetáculos, com ele parado em cena.

Referências

BALESTRERI, Sílvia. Em que ainda nos pode servir a tua Europa, Carmelo Bene? IN: Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas

(9: 2017: Natal, RN). [Anais]. **Diversidade de Saberes – As Artes Cênicas em Diálogo com o Mundo**, Natal, RN: ABRACE, 2017. Vol. 18, n. 1 (2017),

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Trad. de Mário Quintana, Lourdes de Souza Alencar, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Globo, 1956-1958. 7v.

GIACCHÈ, Piergiorgio. Eugenio Barba e Carmelo Bene: Vite Parallele e Viaggi Perpendicolari. **Teatro e storia**. n. 33, 2012. 321-332. Disponível em <http://www.teatroestoria.it/pdf/33/33-17-GIACCHE.pdf> Acesso 03/11/2016.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. IN: LINS, Daniel (org.) **Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

NACCI, Luigi. **Intervista con Luigi Nacci, scrittore, giornalista, guida escursionistica e operatore culturale. Meglio dire, un viandante moderno**. s. l.: s.ed., s.d. Disponível em: https://www.viefrancigene.org/it/resource/blog/Luca_Bruschi/intervista-con-luigi-nacci-camminatore-scrittore/ Acesso em 06-10-2018.

NACCI, Luigi. **Alzati e cammina**. Sulla strada della viandanza. Portogruaro, Venezia, IT: Ediciclo, 2014.

UNO, Kuniichi. **Guattari: confrontações**. Conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1, 2016.

VELOSO, Caetano; FERRAZ, Eucanaã (org). **Sobre as letras..** São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p. 62-63.

¹ “Depois das 5 horas, fica escuro.” Em tradução literal: “Depois das cinco horas (da tarde), tem a escuridão.”

² Em português, o nome desse estado italiano é Apúlia, que corresponde ao salto da bota, no formato comumente atribuído ao mapa da Itália. Por afeto e convivência, prefiro manter o nome italiano, mesma grafia mantida na tradução brasileira do principal texto de Deleuze sobre Bene (cf. DELEUZE, Gilles. Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O esgotado/ Gilles Deleuze. Trad. Fátima Saadi, Ovídio Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.)

³ Modo informal de me referir aos encontros que tive com os professores Jean-Paul Manganaro e Piergiorgio Giacchè, dois dos mais respeitados conhecedores da obra de Bene.

⁴ Nome da rodoviária da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se do aeroporto Beauvais-Tillé, onde operam companhias aéreas de passagens de baixo custo. Aparentemente, a Rodoviária Novo Rio tem muito mais estrutura que esse aeroporto.

⁵ Figurinista e cenógrafa, trabalhou com Carmelo Bene de 1994 até a morte deste em 2002, tendo colaborado em encenações, bem como na preparação da edição de obras bibliográficas do artista. Foi secretária geral da Fondazione Immemorale di Carmelo Bene, de 2002 a 2005, quando coordenou a catalogação minuciosa dos arquivos pessoais de Bene, atualmente desmembrados, por decisão judicial.

⁶ Informalmente, entre amigos, chamo os professores Piergiorgio Giacchè e Jean-Paul Manganaro de meus santos padroeiros, mas creio só haver comentado isso com o primeiro.

⁷ Referência às discordâncias sobre onde depositar as cinzas do artista.

⁸ Lei brasileira de renúncia fiscal para financiamento de projetos culturais. Na atmosfera que sucedeu o golpe jurídico-midiático que retirou a presidenta Dilma do governo do Brasil, espalharam-se notícias falsas nas redes sociais do país, em que artistas foram acusados de “mamar nas tetas do governo”, e de serem beneficiados pela dita lei, dando a entender que recebiam dinheiro público direta e indevidamente através da aplicação dessa lei. Este boato foi usado para desqualificar esses artistas, em sua maioria, contrários ao golpe e às medidas de exclusão impostas pelo mesmo.

⁹ (...) *tutti coloro che abitano nella viandanza, in quella strana e poco visibile casa mobile, o che a quella casa sono diretti. Non è una rassegna sul camminare, ma sul cammino. Il cammino si può fare con ogni mezzo, anche da fermi. È una condizione, un modo di stare al mondo, e allo stesso tempo un modo di proiettarsi in avanti. Nella viandanza, infatti, c'è una forte carica di speranza e utopia, e questo perché quella casa mobile ha le porte e le finestre sempre aperte.*

¹⁰ *Il cammino (...) è l'esplosione dei sentimenti, delle sensazioni, delle domande senza risposta, degli stimoli, delle passioni, dei desideri incolmabili, degli impeti. Una giornata in cammino corrisponde a una settimana, un mese, un anno della nostra vita in ufficio o a casa.*

¹¹ Exemplo dito pelo professor Luiz Fuganti, da Escola Nômade, de São Paulo, em uma de suas aulas.